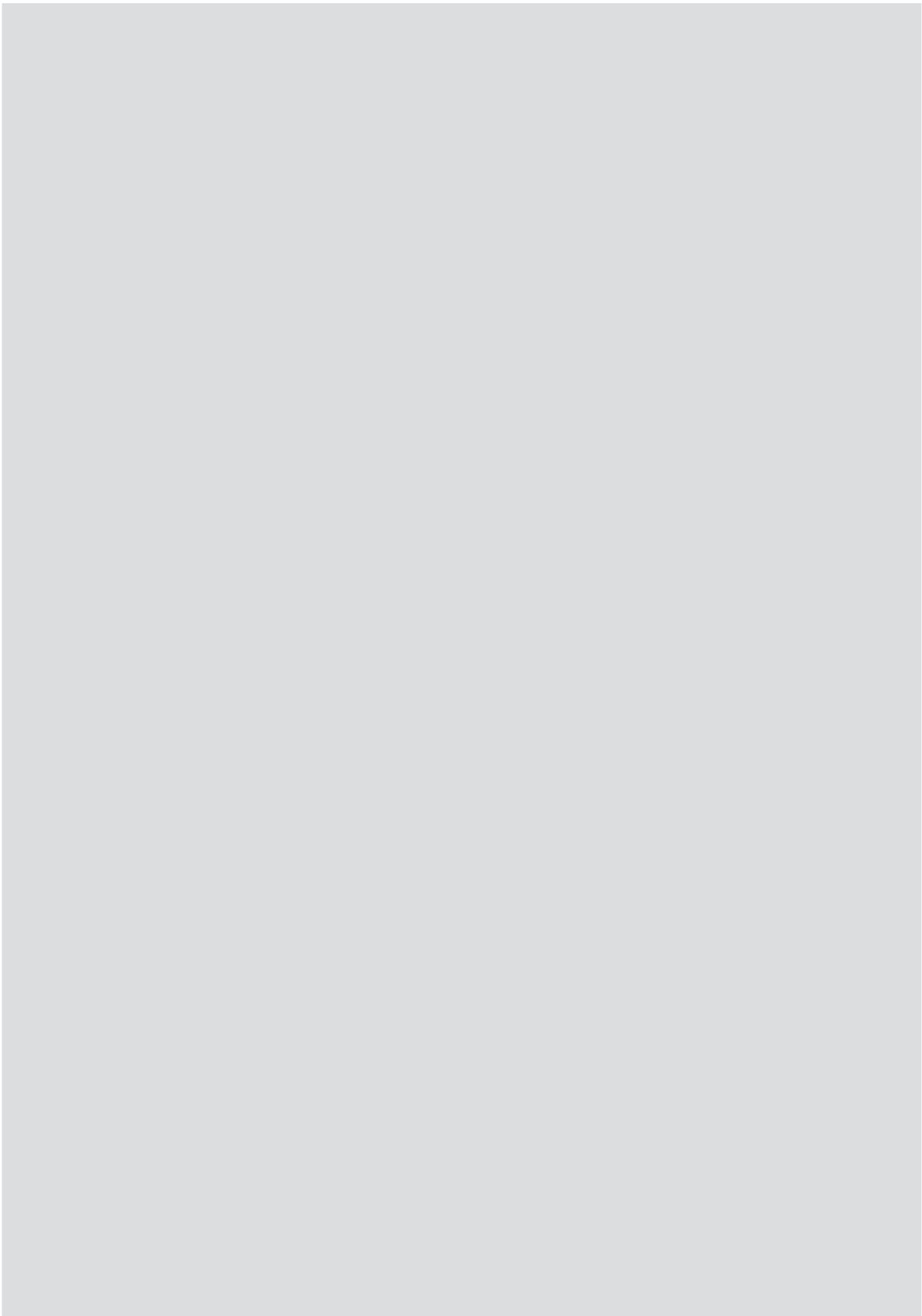


**MANUEL CORREIA DE  
ANDRADE**

a geografia e sua contribuição ao  
planejamento regional e à  
formação do economista

Geógrafo e  
economista  
homenageado





## INTRODUÇÃO

Dentre as ciências que direta ou indiretamente se preocupam com o estudo dos problemas ligados ao homem e que podem contribuir para a solução dos problemas sociais do nosso tempo, a Geografia tem sido uma das menos estudadas, uma das menos prestigiadas. Por um ou por outro motivo ela não conseguiu alcançar o prestígio da economia política, primeira das ciências sociais a se formar, nem mesmo o de outras ciências surgidas no século passado como a Sociologia, a Psicologia ou a Antropologia. Em muitas áreas, permaneceu muito ligada a uma situação de quase dependência da História ou da Ciência Política. Daí a ignorância, mesmo nos meios mais cultos, da existência de uma verdadeira ciência geográfica, de seu objetivo, de seu domínio e de seus métodos. Desconhecimento que leva as pessoas de nível cultural médio a considerá-la um mero catálogo de nomes de acidentes geográficos, de relação de altitudes, de extensão de rios, de população de cidades, etc.

Este fato vem provocando subemprego da Geografia e dos conhecimentos geográficos, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, em prejuízo próprio, uma vez que leva os administradores e os responsáveis pelo planejamento econômico a tomarem medidas e aconselharem soluções baseadas em ideias pré-estabelecidas, em ponto-de-vista formulado por autores que examinaram realidades diversas das nossas sem consultar os problemas e as necessidades brasileiras. Daí o aparecimento de leis inteiramente alienadas de nossa realidade e, às vezes, planos de desenvolvimento que foram feitos para a realidade abstrata que pode ser o Nordeste Brasileiro, o Saara ou a Sibéria. A fim de evitar problemas desse tipo, achamos que os geógrafos devem ter participação na elaboração desses planos e dispõem, os cientistas sociais, administradores e planejadores, de conhecimentos fundamentais de geografia.

## CONCEITO MODERNO DE GEOGRAFIA

Sendo uma ciência de síntese que participa ao mesmo tempo das preocupações e problemas referentes às ciências naturais e às ciências do homem, nasceu a Geografia, nos meados do século passado, dos trabalhos de dois sábios alemães, Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter.

O primeiro era naturalista e, em função dos seus estudos de botânica, viajou pela Europa, pela Ásia russa e pela América, procurando compreender as plantas no meio em que viviam para assinalar suas condições de existência.

Carl Ritter, como historiador e filósofo, passou sua existência na Alemanha, lecionando na Universidade de Berlim e se informando das condições de outras áreas em livros escritos por seus contemporâneos. A preocupação de Humboldt de esclarecer a influência do meio natural sobre a formação das paisagens vegetais e a de Ritter de comparar as paisagens existentes na superfície da terra deram origem ao surgimento de dois dos princípios do método geográfico, o da *causalidade* e o da *analogia* e lançaram as bases do surgimento da Geografia Geral.

Posteriormente, os estudos de Frederico Ratzel e de Vital de la Blanche introduziram o homem no campo da geografia, dando origem ao aparecimento do seu ramo mais desenvolvido e hoje de maior interesse entre os geógrafos – A Geografia Humana ou Econômica.

O desenvolvimento dos estudos geográficos nos vários países do mundo, graças a trabalhos como os de W. Morris Davis nos Estados Unidos, de Passarge na Alemanha e de Jean Brunhes e de Emanuel de Martonne na França, permitiram que nos fins do século XIX e nas primeiras décadas do XX se caracterizasse o seu objeto – estudo de paisagens existentes na superfície da terra – e se formasse o seu método, baseado nos princípios da extensão, da analogia, da causalidade, da atividade e da conexidade.

Estudando as paisagens que se distribuem pela superfície da terra, como as mesmas resultam da ação de agentes naturais e da ação do homem, participa a Geografia, ao mesmo tempo, da natureza das ciências naturais e das ciências sociais. Assim é ela, como já salientou Cholley, uma ciência da natureza perturbada pela presença e pela ação do homem.

Com essa dupla formação está o geógrafo, melhor que qualquer outro especialista, capacitando a fazer uma descrição global das paisagens de uma região para a qual se quer fazer um plano desenvolvimento. Realizar um trabalho preliminar de síntese, levantando uma série de problemas que serão analiticamente dissecados por especialistas de outras ciências como geólogos, hidrologistas, sociólogos, antropólogos, economistas, urbanistas, etc.

Na realização dos seus trabalhos, cabe ao geógrafo delimitar a área a estudar – princípio da extensão – , comparar as paisagens aí existentes

com a de outras regiões – princípio da analogia –, explicar a causa da formação das mesmas – princípio da causalidade –, analisar as paisagens existentes ligando-as com o passado, levando em conta que os fatos são dinâmicos e estão sujeitos a uma permanente transformação – princípio da atividade –, analisar os fatos com uma visão de síntese, levando em conta que nada se processa isoladamente e que tudo ocorre em função de uma série de fatos que se interinfluenciam e se intercorrelacionam – princípio da conexidade. Assim, armado de uma formação científica complexa e dispondo de conhecimentos básicos das ciências auxiliares, está o geógrafo habilitado a fornecer uma descrição e interpretação das paisagens em suas implicações naturais e nas modificações feitas nas mesmas pelo homem, visando o aproveitamento dos recursos que ela pode oferecer.

#### A APLICABILIDADE DA GEOGRAFIA

Hoje, nos países mais desenvolvidos, a Geografia é largamente ensinada nas Universidades, não só em cursos de formação de geógrafos como também de historiadores, economistas, sociólogos e administradores: Os geógrafos colaboram ainda nos trabalhos de planejamento regional. Isto se observa tanto nos países de economia capitalista como nos de economia socialista.

A importância da planificação no desenvolvimento econômico e a compreensão da grande contribuição que a Geografia poderia dar ao mesmo, levou o Governo britânico, em 1943, quando se encontrava em plena guerra, a criar um Ministério para o Planejamento Rural e Urbano, ao qual caberia orientar, em escala nacional, uma política de localização industrial e repartição da população nas zonas sinistradas pela guerra e nas superpovoadas, de forma a que as condições de trabalho e de produção tivessem um desenvolvimento mais racional. Procurariam os técnicos desse Ministério encontrar um equilíbrio entre as velhas zonas industriais em decadência e as novas, concentradas no sudoeste do país. Ao mesmo tempo era necessário procurar fazer um melhor aproveitamento das terras pela agricultura, visando não só salvar a Grã-Bretanha da ameaça de fome que sobre ela pairava devido à guerra submarina promovida pelos alemães, como tornar possível a reorganização rápida da agricultura nos anos de pós-guerra, orientando o Reino Unido no caminho do autoabastecimento, diminu-

indo os elevados encargos decorrentes da importação de alimentos. Daí a reorganização do Serviço de utilização da terra, e o emprego pelo mesmo de grande número de geógrafos. Coube assim a Dudley Stamp, professor de Geografia da Universidade de Londres, “cartografar o modo de utilização de cada parcela do território britânico”<sup>1</sup>, possibilitando uma política racional de utilização do mesmo. Esse mestre tem, ultimamente, dirigido estudos sobre problemas de regiões áridas, para a UNESCO. De importantes estudos visando à transformação industrial do nordeste da Inglaterra, tem participado com destaque a equipe do professor e geógrafo G.H.J. Daysh da Universidade de Durham.

Nos Estados Unidos, o conhecimento dos geógrafos vêm sendo largamente utilizados tanto nos serviços públicos e paraestatais como pelas empresas privadas. Para isto, contribuiu principalmente a grande crise econômica de 1929 que constituiu um sério impacto para a economia norte-americana, levando os políticos e homens de negócios a compreender que o sentido imediatista até então dominante no capitalismo norte-americano encaminhava o país ao esgotamento de seus recursos naturais, ao empobrecimento de seus solos, pondo em perigo constante a pujança da economia dos Estados Unidos. Compreenderam então ser necessário um levantamento das paisagens e dos recursos do país e a planificação da exploração de suas riquezas. E ninguém mais habilitado que o geógrafo para realizar esse inventário, assim como nenhuma ciência mais útil como auxiliar da Economia Política para a formação dos planejadores que a Geografia. Daí o fato de passar a Geografia, sobretudo Econômica, a ser ensinada em 80% das 500 Business Schools existentes no país e passarem as grandes empresas como a Dupont Nemours, Aluminium Cy, General Foods Corporation, Western Electric, American Tobacco, United States Steel a empregar geógrafos, ao lado de outros especialistas, no estudo dos problemas de provisão de matérias-primas, de mercados, de localização de usinas e de entrepostos, etc.<sup>2</sup>

Além disto, o Governo Federal, os Estados e os Municípios empregam centenas de geógrafos em seus serviços militares, de cartografia, geo-

<sup>1</sup> Phlipponneau, Michel –Géographie Et Action, introduction a la Géographie appliquée. Librairie Armand Colin, Paris, 1960. p. 34-36.

<sup>2</sup> ibidem, p. 47.

lógicos – os especialistas em geomorfologia podem prestar grandes serviços em trabalhos geológicos – , recenseamento, no comércio internacional e na navegação, e na planificação urbana e regional. No grande empreendimento paraestatal que é o Tennessee Valley Authority, ao lado de numerosos técnicos de especialidades várias, são empregados geógrafos, notadamente na interpretação de fotografias aéreas. Grande contribuição é dada por geógrafos como Gilbert F. White e E. A. Ackermann nos organismos de aproveitamento e conservação de recursos.<sup>3</sup>

Na França, o apego à tradição fez com que a Geografia permanecesse por mais tempo como ciência pura a ser ministrada em Universidades e demorasse a ter aplicações. Houve até reação ao caráter normativo do conhecimento geográfico como a manifestada pelo mestre Marx Sorre<sup>4</sup> como que querendo resguardar ao máximo o caráter científico da Geografia e uma certa reserva como a demonstra Pierre George, que em artigo publicado nos *Anales de Géographie*, sustenta que só os geógrafos mais experimentados deveriam ser utilizados nos trabalhos de Geografia aplicada a fim de se poder resguardar a boa formação dos jovens ainda pouco experientes.<sup>5</sup> Apesar disto, porém, os franceses tem trabalhado muito na África Negra onde os geógrafos tem participado de missões de estudos e de planificação em Senegal, Strol, Niger, baixo Dahomey, Fouta-Djalou e Gabão. Geógrafos do Bourdeaux têm aí trabalhado como L. Papy, de Strasboug, como J. Tricart, de Naney, como A. Guilcher. Tricart tem dado também magnífica contribuição ao estudo de nosso país, tendo participado de trabalhos promovidos pela C. P. E. na Bahia (Vale do Paraguaçu).<sup>6</sup>

Nos países socialistas, não é menor a importância dada à formação dos geógrafos<sup>7</sup> e à utilização dos mesmos no levantamento das possi-

<sup>3</sup> Gottmann, J. *L'aménagement de L'espace*. Planification Régionale ET Géographie. Librairie Armand Colin, Paris, 1952. p. 20 e segs.

<sup>4</sup> Sorre, Marx. *Rencontres de La Géographie ET de La Sociologie*. Librairie Marcel Rivière et Cia. Paris, 1957. p. 198.

<sup>5</sup> George, Pierre. Existe-t-il une géographie appliquée? *Anales de Géographie LXX ième*. ANNÉE – n.380, p. 337-346. Paris, juillet – août, 1961.

<sup>6</sup> Tricart, Jean; Santos, Milton; Cardoso da Silva, Tereza; Carvalho, Anna. *Estudos de Geografia da Bahia* – Publicações da Universidade da Bahia. Salvador, 1958.

<sup>7</sup> Kalesnik. S. V. La formation des Explorateurs ET des Professeurs de Géographie dans les Universités de l'URSS. *Essais de Géographie*, p. 18 a 23 – Éditions de l'Académie de Sciences de l'URSS, Moscou – Leningrad, 1956.

bilidades do país e no planejamento do desenvolvimento econômico. A Geografia tem sido aí considerada como um verdadeiro conjunto de ciências e os geógrafos de especialidades diversas têm sido incentivados a trabalhar em equipe.<sup>8</sup> Coube aos geógrafos, após a revolução bolchevista de 1917, fazer o levantamento geográfico do imenso e pouco conhecido território da União Soviética, em suas regiões povoadas e conhecidas e naquelas distantes, inóspitas, habitadas por povos atrasados e com difíceis comunicações. Coube-lhes fazer o levantamento do território da União tornando-o conhecido e possibilitando a localização das pesquisas de cientistas de outras especialidades.

Após a realização do levantamento das paisagens, recursos e possibilidades do país, passaram os geógrafos a dar sua contribuição ao planejamento regional, procurando contribuir para uma melhor distribuição dos novos parques industriais que visam o desenvolvimento harmônico de todo nacional, evitando os desequilíbrios entre as várias regiões; cooperam nos trabalhos de recuperação das áreas desérticas da Ásia Central e nos trabalhos de reconstrução de cidades destruídas durante a grande guerra de 1939-1945. Assim é grande a ajuda que eles podem oferecer aos economistas, aos agrônomos, aos administradores do planejamento do desenvolvimento regional. Sendo especialistas de síntese, podem exercer um trabalho de coordenação entre vários especialistas.

#### A GEOGRAFIA BRASILEIRA

A Geografia brasileira vem se desenvolvendo razoavelmente, desde a quarta década deste século, apesar de antes de 1930 terem aparecido apenas trabalhos pioneiros, com caráter científico como os de Delgado de Carvalho<sup>9</sup>, Raimundo Lopes<sup>10</sup> e Agamenon Magalhães.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Guérassimov, I. P. Le role de La Géographie dans La construction Socialiste en URSS et les tendencies actuelles de son évolution, em *Essais de géographie*, p. 17. Éditions de l'Académie de Sciences de l'URSS. Moscou – Léningrad, 1956.

<sup>9</sup> *Le Brésil Meridional. Étude Economique*. Rio de Janeiro, 1940.

<sup>10</sup> Torrão Maranhense, 2. ed. *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*, n. 28 a 49.

<sup>11</sup> *O Nordeste Brasileiro*. Tese de Concurso para o Colégio Estadual de Pernambuco (então Ginásio Pernambuco). Recife, 1922.

Após a revolução de 1930, a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com seus Conselhos Nacionais de Geografia e de Estatística, a fundação dos cursos superiores de Geografia, nas Faculdades de Filosofia, o desenvolvimento de cadeiras de Geografia Econômica, nas faculdades de Ciências Econômicas e a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (A.G.B.) possibilitaram o desenvolvimento dos estudos da ciência geográfica e o maior conhecimento do território nacional, a ponto de, em 1956, quando se realizou no Rio de Janeiro, o XVIII Congresso Internacional de Geografia, já demonstrar esta ciência o seu amadurecimento em nosso país. Além dos magníficos trabalhos de caráter puramente científico, publicados pelo Conselho Nacional de Geografia em sua revista e em seu boletim, e pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e da Universidade do Brasil (Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil), existem interessantes trabalhos de levantamento das áreas em que se realizaram Assembleias-Gerais da A.G.B., os quais podem ser utilizados como subsídios para um política de desenvolvimento regional. Isto porque, ao reunir-se em uma cidade, essa associação organiza em equipes que estudam as áreas próximas e elaboram relatórios sobre as mesmas, relatórios esses que são discutidos e posteriormente publicados.

Visando, porém, diretamente a planificação para o desenvolvimento econômico regional, merecem referência o trabalho realizado em 1954 e 1955, pela A.G.B. sob a direção do Prof. Dirceu Lino de Matos sobre a região Drenada para a bacia Paraná-Uruguai<sup>12</sup>, os estudos feitos na Bahia pelo Laboratório de Geografia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, na bacia do Paraguaçu, os estudos de geografia industrial feitos pelo conselho Nacional de Geografia na Zona da Mata de Minas Gerais sob a direção de Pedro Geiger e o levantamento geoeconômico do Município de Cabrobó, realizado pelo Grupo Executivo de Produção de Alimentos (GEPA) para o Departamento de Águas e Energia (DAE), visando à instalação de uma rede para eletrificação rural no referido município do sertão pernambucano.

Todos esses exemplos vêm comprovar a importância da utilização do geógrafo nos trabalhos de planejamento econômico, assim como a importância do conhecimento geográfico na formação dos especialistas em ciências do homem.

<sup>12</sup> *Condições geográficas e aspectos geoeconômicos da Bacia Paraná-Uruguai*. São Paulo, 1955.

## O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS FACULDADES DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Hoje, a Geografia Humana ou Econômica é considerada matéria básica nos cursos de Ciências Econômicas, sendo ministrada, em geral, durante um ano, e nos cursos de Sociologia e Política, ministrada em um ou dois semestres. Em alguns cursos de Administração Pública, é ministrada durante um ano (caso da Universidade da Bahia), enquanto que em outros, ela fica inteiramente ausente do currículo (caso da Universidade do Recife).

A nosso ver, a Geografia Econômica deve ser ensinada nestes três cursos, durante dois anos, a fim de que economistas sociólogos e administradores estejam habilitados a conhecer e a melhor compreender os problemas do país, não se tornando homens alienados da nossa realidade que procuram por meio de ideias, conceitos e teorias estranhas a nossa formação, resolver os nossos problemas. Qualquer teoria ou conjunto de princípios só podem ser aplicados a uma realidade conhecida, analisada, e só com uma razoável formação geográfica pode o economista ou o sociólogo melhor compreender a realidade brasileira e procurar soluções brasileiras para os problemas brasileiros. Se não tiveram essa formação eles serão inconscientemente levados a procurar solucionar os nossos problemas aplicando aos mesmos os princípios e os métodos que tiveram sucesso em outras áreas, em outros países. Formará mentalmente soluções para problemas que conhece apenas superficialmente sem compreender suas verdadeiras causas. Daí o grande número de leis e de planos que enchem as gavetas dos administradores sem poderem ser aplicados a um meio, a uma realidade do qual estão divorciados.

A nosso ver, a Cadeira de Geografia Econômica deveria ser ministrada nas duas primeiras séries dos cursos de Ciências Econômicas, Sociologia e Política e Administração Pública, cabendo à 1.ª série o estudo dos princípios gerais da Geografia Econômica, com os estudos básicos de Geografia da população, de geografia agrária. De geografia industrial e de geografia dos serviços. Na 2.ª série, seria ministrado um curso de Geografia Econômica do Brasil, no qual os estudantes se familiarizariam com a realidade brasileira por meio do estudo sucinto do meio natural e das diversificações regionais. Em seguida, estudariam a distribuição espacial das principais atividades econômicas no Brasil com seus problemas e suas implicações nas paisagens e concluiriam o curso

com uma rápida visão da atuação de certos órgãos de planejamento como a SPVEA, a Sudene, a Comissão do Vale do São Francisco, a Comissão da Bacia Paraná-Uruguai, etc.

Assim, creio, ficaram melhor formados e mais ambientados à realidade brasileira os nossos economistas, sociólogos e administradores. Poderiam, conseqüentemente, conhecendo melhor o nosso país, dar uma contribuição mais segura à solução dos nossos problemas, contribuindo de forma mais eficiente e concreta para libertar o país do subdesenvolvimento em que se concentra. Encontrando um caminho brasileiro para a solução dos problemas do país.

---

Comunicação apresentada à II Conferência de Professores de Faculdades de Ciências Econômicas do Brasil, pelo Prof. Manuel Correia de Oliveira Andrade, da Faculdade de Ciências Econômicas da universidade do Recife. Publicada pela primeira vez na Revista Brasiliense, n.50, nov./dez 1963.